

Quem te viu, quem te vê...

FH, que agora questiona o talento de Chico, pediu seu apoio em 2 campanhas

Arquivo/ 85

Jorge Bastos Moreno

BRASÍLIA

Em duas das quatro eleições que disputou, o presidente Fernando Henrique Cardoso teve como um de seus principais cabos eleitorais o compositor e cantor Chico Buarque de Hollanda, a quem agora critica no livro "O mundo em português", que reproduz conversas suas com o ex-presidente e ex-primeiro-ministro português Mário Soares. Mas Chico também mudou de opinião, passando a apoiar o petista Luiz Inácio Lula da Silva nas últimas duas eleições presidenciais (89 e 94).

Quase como uma profecia, ao comentar os dois primeiros anos do Governo Fernando Henrique, Chico dizia em 96, entre gargalhadas num depoimento ao jornalista Cadão Volpato para a edição em VHS de um show do cantor Ney Matogrosso:

— Quando eu fiquei contra, ele deixou de gostar de mim. Não é mais tão... Se você não está exatamente de acordo com ele, ele não é mais tão educado.

Chico iniciara seu depoimento afirmando:

— Eu entendo a simpatia que Fernando Henrique desperta entre os artistas que têm acesso ao poder em Brasília, depois de tanto tempo. E ele realmente é uma pessoa cativante, muito amável. Sei disso porque já fiz campanha para ele ao Senado, em 78, e para a Prefeitura de São Paulo, em 85. A relação dele comigo sempre foi muito boa e entendo que as pessoas se deixem cativar por ele.

Foi FH quem levou compositor para as campanhas políticas

Foi Fernando Henrique quem levou Chico para as campanhas políticas. Antes, Ulysses Guimarães tentara o mesmo, sem sucesso. Em depoimento sobre a sua trajetória política na ditadura militar, o próprio Ulysses revelou o fracasso de suas investidas com o compositor:

— Eu, pretensamente ou não, sempre identifiquei minha luta com a do Chico. Mas, na nossa conversa, senti dele desconfiança em relação ao MDB. Os artistas e intelectuais, na época, achavam que o MDB era uma oposição consentida, que o partido coonestava o regime. E o Chico estava mais empolgado com uma carta do Fidel Castro do que com a minha conversa.

Chico compôs o jingle da primeira campanha de FH, em 78

Mas 78, quando Ulysses Guimarães foi buscar Fernando Henrique no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), foi o momento do grande encontro dos intelectuais, artistas e trabalhadores com o MDB, a começar por Lula. Chico não só apoiou, como foi de sua autoria o jingle de campanha de Fernando Henrique, candidato ao Senado na sublegenda de Franco Montoro: "A gente não quer mais cacique/ A gente não quer mais feitor/ A gente agora está no pique/ Fernando Henrique pra senador".

Integrando a campanha de Fernando Henrique, Chico sentiu-se à vontade para apoiar outro candidato do MDB ao Senado: Jarbas Vasconcelos, em Pernambuco.

Já em 85, depois de apoiar, três anos antes, as candidaturas de Miro Teixeira e Marcos Freire aos governos do Rio e de Pernambuco, Chico voltou aos palanques com Fernando Henrique. E fez uma bem-humorada versão do seu samba "Vai passar", que serviu de música oficial da campanha. Nela, o compositor chamava o candidato Jânio Quadros de "fujão" por fazer o mesmo que Fernando Henrique repetiria na campanha de 94 e quer fazer de novo agora: não comparecer a debates.

Há 13 anos, FH dizia de Chico: "Ele é o maior gênio da nossa música"

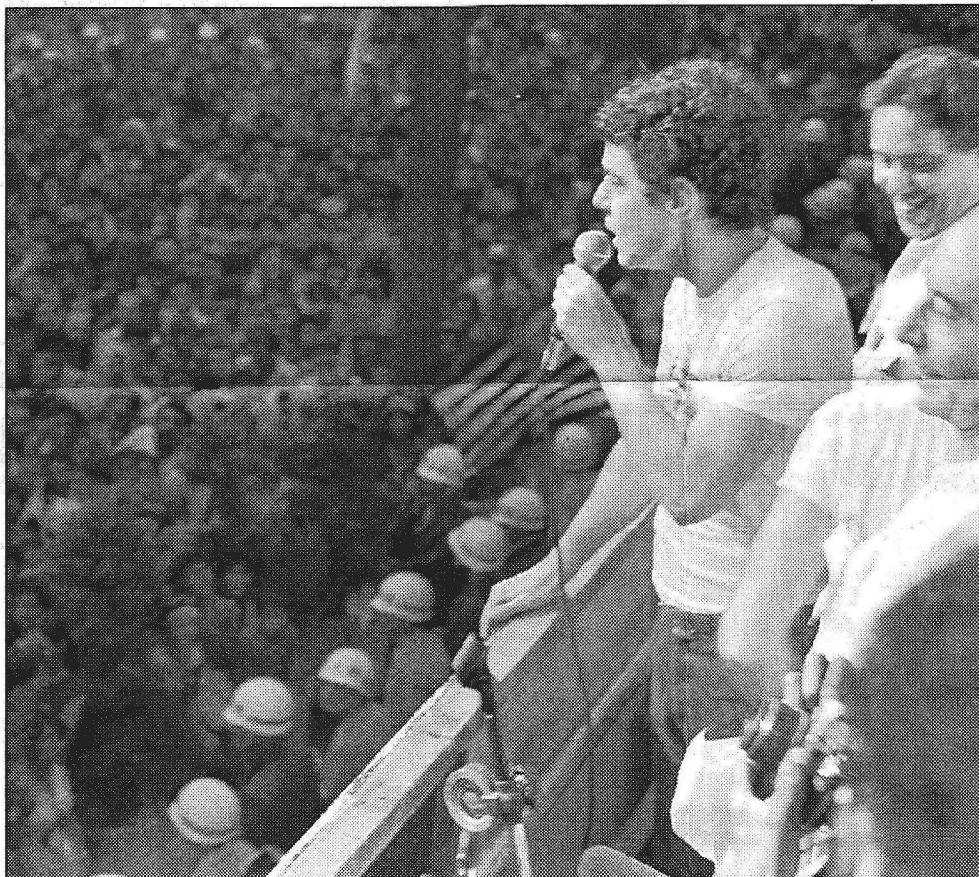
Em janeiro de 85, depois de eleito, Tancredo Neves fez uma viagem a sete países. Na Assembléia Nacional de Portugal, os representantes dos sete partidos que discursaram saudaram a chegada da democracia no Brasil com versos de Chico e de João Cabral de Melo Neto. Coincidentemente em Lisboa na mesma época, o então senador Fernando Henrique foi ciceroneado pelo então primeiro-ministro Mário Soares.

Enquanto Tancredo era homenageado pelo presidente Ramalho Eanes, com quem Soares andava às turras, o primeiro-ministro levava Fernando Henrique e um grupo de repórteres brasileiros para jantar numa casa de fado. Nesse jantar, o comentarista geral foi a recepção que Tancredo tivera na Assembléia Nacional e a familiaridade dos portugueses com as obras de Chico e João Cabral.



HÁ 13 ANOS, Chico e FH juntos na campanha para a Prefeitura de São Paulo, embalada por uma versão bem-humorada do samba "Vai passar"

Arquivo/ 25-1-84



NA PRAÇA DA SÉ, Chico pede eleições diretas no mesmo palanque de FH (atrás, à direita)

Marco Antônio Teixeira/ 3-4-96



EM VISITA ao Rio, o presidente se encontra com Gil e Caetano, para ele gênios de verdade

— Sou suspeito para falar, porque sou amigo dele, mas o Chico é o maior gênio da nossa música — elogiou na época Fernando Henrique.

Chico em 96: "Torço pelo FH que eu conheci, que eu apoiei"

Agora, 13 anos depois, o mesmo Fernando Henrique afirma que gênios são os baianos Gilberto Gil e Caetano Veloso. De Chico, diz que o compositor é um crítico repetitivo.

No mesmo depoimento dado em 96 a Volpato, Chico afirmou ainda:

— Eu não sou um crítico absoluto do Governo Fernando Henrique Cardoso. Eu cobro muitas coisas. Mas quando medidas mostram que eu não tenho razão nas críticas, eu fico muito mais satisfeito do que quando vejo que elas estavam certas. Eu não estou decidido a ter razão sempre. Eu quero que o Brasil melhore. Quando eu cobro, espero que Fernando Henrique responda com o governo que eu

gostaria que ele fizesse. Quando ele foi eleito, eu fiz questão de salientar o passado, a biografia de Fernando Henrique. Torço por ela. Torço por esse Fernando Henrique que eu conheci, que eu apoiei outras vezes. Por exemplo, a questão do imposto da propriedade rural. Isso é ótimo, se ele conseguir levar isso adiante. Mas amanhã ele é obrigado a compor com as forças mais conservadoras e eu vou estar contra — disse o compositor há dois anos. ■